OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	-$-	-$

30.º Anno — XXX Volume — N.º 1027

10 DE JULHO DE 1907

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

Viagem de S. A. o Principe D. Luis Filipe, ás Colonias

O EMBARQUE NO ARSENAL

S. A. O PRINCIPE D. LUIS FILIPE AO PORTALÓ DO «AFRICA» VENDO PARTIR SUAS MAGESTADES

SUAS MAGESTADES NO BERGANTIM REAL LARGANDO DO «AFRICA»
(Cliches Benoliel)

Chronica Occidental

Emquanto o *Africa*, que leva a seu bordo o principe D. Luiz Filippe e o sr. ministro da marinha, vai cortando as aguas dos mares africanos, e, por todos esses pontos da costa em que ha de tocar, a população se prepara afim de tornar brilhantes as recepções, esperando novas pormenorisadas das festas que a todos os jornaes assumpto sympathico hão de fornecer, vejamos o que nos dá a prata da casa,

n'este monotono e geralmente muito pacato principio do mez de julho.

De politica pouco haveremos de falar. Não sei se é bom tempo que se nos promette ou se este silencio é algum d'aquelles, e bem temerosos, que muita vez separam duas fortes rajadas de temporal. O que fôr soará. Uns continuarão ouvindo soar verdadeiros hymnos triumphaes, outros taparão os ouvidos fartos de lamentos e de muito iradas imprecações.

A dictadura continua, e todos levantam os braços, uns para mostrar os punhos, outros para dar palmas.

E um sem numero de mentiras se espalham em girandolas; kilos d'ellas transportam os pobres carteiros e supponho que já se envergonham os ferros do telegrapho.

O illustre jornalista italiano Guelfo Civinini, que decerto conhece as caricaturas de Gavarni e sabe o que Thomaz Vireloque pensava do telegrapho, tirou-se de seus cuidados e veio por ahi abaixo para pormenorisadamente informar o *Corriere della Sera*, importante jornal de Milão, arriscando a pelle, cuidava elle, mas com os proprios olhos que a terra ha de comer, contando os cadaveres por essas ruas e praças, e descrevendo com traços de verdadeiro psychologo, com o que se erriça nos ataques de colera o pequenino bigode do sr. João Franco.

A Sociedade Propaganda de Portugal, que está devéras prestando ao paiz importantes serviços, já escreveu para a redacção do *Figaro*, agradecendo o cuidado com que n'este jornal foram dadas noticias sobre os ultimos acontecimentos politicos e lamentando a leviandade com que muitos outros fizeram correr as mais fantasiosas petas.

O sr. Guelfo Civinini, que veio pelo expresso de Madrid, já pelo caminho pasmou de vêr, em vez de cariz minaz do céo, um bello sol secando os trigos nas eiras; viu os milhos muito verdes a prometterem riqueza aos lavradores; se a rapidez do comboio lhe deu tempo, avistaria nas vinhas cachos ainda verdes, mas repararia que dois ou tres bastavam para encher um cesto. — «Pelo que toca á natureza, diria elle com seus botões, parece que a coisa não vai mal de todo.» Passou a ponte sobre o Tejo, viu o castello de Almourol, entrou nos campos extensos do Ribatejo. Ahi é que foi um deslumbramento! De repente penetrou nas densas trevas do tunnel. Então o dialogo com os botões mudou de rumo. — «Agora é que vão ser ellas!»

Estava na Lisboa pacatissima.

Não deixará de escrever uma ou duas cartas a respeito de politica; até já conversou com os srs. ministros dos Negocios Estrangeiros e Presidente do Conselho; depois falará do Tejo e de Cintra e do lindo céo de Portugal que não inveja o de Italia.

A Lisboa de verão dar-lhe-ha vagar e occasião para fazer quanta poesia lhe apetecer. Nem quasi um murmurio lhe perturbará o estio. Petrarcha, passeando pela rua do Oiro, nada o distrahiria nos seus heroicos á formosa Laura.

Ao jornalista italiano succedeu como á policia nos *Brigands* de Offenbach: chegou um nadinha tarde.

Como o sr. Civinini é com certeza litterato, deve ter-se inteirado dos melhores bocados de poesia lyrica portugueza, e achará que melhor scenario não ha para recitar-se o *Noivado do Sepulchro* do que a paisagem preta e branca da Avenida da Liberdade, illuminada pela luz electrica, ali pelas enze e meia da noite. Que silenciosos fantasmas vão passando! Que paz tranquilla! Quem se lembrará n'aquelle remanso de que a sorte tem seus vaivens?

São horas de recolher. Olhos em alvo, que não querem descer para as miserias da terra, contemplam no céo Marte côr de sangue.

Elle lá está, muito proximo da terra agora; elle está, talvez disposto a deixar desvendar alguns dos seus misterios.

Serão habitantes de Marte que se divertem com os receptores do telegrapho sem fios? Aquelles signaes, tres pancadinhas fatidicas, porque motivo sôam, fazendo suar o topeto aos pobres telegraphistas? De que regiões ingnotas vêm aquelles signaes perturbar o socego aos habitantes da terra?

Apparecem agora á vista dos astronomos tres pontos muito luminosos no disco do planeta. Serão algum signal feito á terra?

E aquelles canaes, ou o que é, que parecem ser obra de animaes intelligentes? Marte é o planeta mais velho do que a Terra; devem esses habitantes estar mais adeantados do que nós. Da communicação entre os homens e os marcianos, que um jornalista já chamou *os nossos irmãos de Marte*, deve a iniciativa pertencer-lhes.

Metteu se já n'isto o espiritismo. Um celebre medium gaba-se de andar ás vezes passeando pelo planeta nosso visinho e descreve-nos usos e costumes dos seus habitantes. Teem azas, e não comem nem bebem nem fazem nada do que a gente costuma fazer, como diz o Agapito no *Solar dos Barrigas*. Tudo lá é poesia.

Mas o caso é que, mais dia menos dia, não será de espantar que pequeninas relações se travem entre os homens e os marcianos, de que serão talvez os tres pontos luminosos e as tres pancadas telegraphicas os primeiros pretextos.

Depois será talvez *tu cá tu lá*, e um cigarrinho de companhia, se lá como cá não augmentaram o preço do tabaco.

Mas, se elles não comem nem bebem, talvez tambem não fumem, o que será caso para lhes dar os parabens.

Quando as nossas relações se estreitarem, é possivel que já não tenhamos de nos humilhar revelando lhes esse vicio. Desde que a gente do tabaco se lembrou de lhe elevar o preço, o consumo diminuiu muitissimo e aldeias ha em que o tabaco já se não vende.

Quem tudo quer, tudo perde, e a poderosa companhia teve tambem, por seu turno, a confirmação do velho e universal proverbio, vendo os seus lucros assustadoramente diminuidos.

Lucrará a saude da gente.

Uma vez, um homem que defendia o uso do tabaco, dizia:

— Ora adeus! Meu pae tem oitenta annos e fumou toda a vida.

E diz-lhe o outro:

— Pois sim; mas talvez, se nunca tivesse fumado, tivesse noventa annos ou mais.

O tabaco e o alcool são dois grandes inimigos. D'aquelle parece que, pouco a pouco, nos iremos livrando. Bom era que este não fizesse em Portugal suas victimas, como está fazendo em paizes do norte. Mas disse-nos, ha tempos, um medico muito distincto que observára, no bairro de Alcantara, crianças de miserrima e horrorosa conformação, filhos evidentemente de paes alcoolicos, e que tal nunca vira antes de haverem os francezes empregados nas obras do porto de Lisboa, introduzido o absintho nas tabernas do sitio.

Porque não ha de o absintho prohibir se?

Que doença é comparavel ao alcool? perguntava Edgard Pöe. Que doença tão facil de evitar!

E, como estamos no verão e os assumptos não abundam, este que o acaso me trouxe dar-me-ia algumas linhas philosophicas, se não fosse nas poucas linhas que me restam, ter de tratar do projectado *raid* hippico, que parece estar produzindo grande enthusiasmo.

O *Seculo*, que á sua parte offereceu o premio d'um conto de réis, tem publicado, ha dias, largos artigos sobre o assumpto. O sr. Conde de Fontalva offereceu como premio um cavallo inglez puro sangue. El-rei e o sr. ministro da guerra tambem offereceram recompensas aos vencedores.

Em muitos locaes da passagem dos concorrentes já commissões se organisaram para recebel-os. O itinerario comprehenderá, sendo a sahida de Lisboa: Torres Vedras, Caldas, Leiria, Figueira, Coimbra, Aveiro, Porto, Penafiel, Villa Real, Regoa, Lamego, Vizeu, Guarda, Covilhã, Castello Branco, Portalegre, Elvas, Villa Viçosa, Estremoz, Evora, Vendas Novas, Coruche, Almeirim, Chamusca, Abrantes, Torres Novas, Gollegã, Cardiga, Santarem, Castanheira, terminando em Lisboa.

Já o sr. Guelfo Civinini tem mais alguma coisa para mandar dizer, além de bordoada que não viu dar nem levar.

Mas emfim... nunca fiando.

João da Camara.

Viagem de S. A. o Principe D. Luis Filipe ás Colonias

III

Quando este numero do Occidente estiver a publico, já Sua Alteza o Principe D. Luis Filipe terá chegado á ilha de S. Thomé, graças á velocidade dos modernos vapores, que permite fazer a travessia do Atlantico até ao Equador em 12 dias, o maximo.

Como estava determinado Sua Alteza embarcou no *Africa*, que levantou ferro, pela 1 hora da tarde de 1 do corrente e deslisou rio abaixo, embandeirado em arco e enviando á terra os ultimos écos da musica que tocava a bordo.

Pelo meio dia achavam-se reunidos no Arsenal, os dignatarios da côrte e todo o corpo diplomatico, Cardial Patriarca, alto funcionalismo militar e civil, que todos aguardavam a chegada de Suas Magestades e Altezas.

Uma companhia de infantaria de marinha com a banda, fazia a guarda de honra.

A'quella hora foram chegando os membros do ministerio e pouco depois chegavam Suas Magestades El-Rei e Rainha e Suas Altezas o Principe Real e Infantes D. Affonso e D. Manuel com seus camaristas e ajudantes.

Na Casa da Balança realisaram-se os cumprimentos pela assistencia e as despedidas de Sua Alteza, que pouco depois embarcava no bergantim real acompanhado por Suas Magestades e Infantes. No bergantim embarcou tambem o sr. Ministro da Marinha que acompanha o Principe na viagem.

E' sempre espétaculo de vêr estes embarques reaes, pela animação e aparato que revestem, muito principalmente a vista do bergantim e galeotas com os numerosos remadores que os tripulam, cujos fardamentos vistosos de côres garridas dão tom alegre e colorido ao quadro, que mais realça e embelesa a elegancia e riqueza das galeotas, com suas ornamentações doiradas e cortinados de veludo e de damasco vermelhos.

Realisado o embarque se dirigio a pequena frota para o *Africa*, que lançara ferro a meio do rio para receber Sua Alteza e o ex.mo Ministro da Marinha.

Ao portaló aguardavam a chegada das pessoas reaes os srs. Pedro Gomes da Silva e Gomes Netto, dirétores da Empresa Nacional de Navegação, e o commandante e oficialidade.

Suas Magestades visitaram então os aposentos destinados a Sua Altéza e comitiva na primeira coberta, onde foram especialmente transformados alguns camarotes, em quarto de cama mais amplo para o real viajante assim como um quarto de vestir. A sala, das Senhoras, foi transformada em sala de jantar de Sua Alteza e comitiva, e ainda uma outra, em sala de visitas. Uma parte da tolda da ré foi devidida por cordões para goso exclusivo de Sua Alteza e comitiva, a dentro dos quaes não é permitida a entrada a outros passageiros, a não ser com permissão do real viajante.

Aquelles aposentos foram luxuosamente mobilados e decorados com muito gosto, tendo se feito expressamente communicações independentes.

Os aposentos do sr. Ministro da Marinha ficam na segunda coberta, onde são tambem os do chefe do gabinete de sua ex.a sr. José Francisco da Silva, secretario sr. Durão e capelão real reverendo Costa.

Tudo foi visto com agrado por Suas Magestades que se dignaram elogiar ao srs. dirétores, dirigindo-se por fim á grande sala de jantar, onde lhes foi oferecida uma taça de *Champagne* pelos srs. Gomes da Silva e Gomes Netto, que em nome da Empresa brindaram a El Rei, á Rainha e Infantes, e em especial a Sua Alteza o Principe, fazendo votos por sua feliz viagem.

Depois houve as ultimas despedidas. Sua Magestade a Rainha beijou repetidas vezes seu Augusto filho. El-Rei e Infantes tambem o abraçaram, sendo naturalmente comovedor este apartamento temporario.

Ao portaló, o Principe viu partir, no bergantim real, Suas Magestades e Altezas, emquanto o *Africa* levantava ferro e seguia para a barra.

O bello vapor, o mais moderno e dos melhores da Empresa Nacional de Navegação, tem a marcha regular de 13 milhas, accionado pelas suas possantes maquinas e dois helices, deslocando 5:800 toneladas, comportando, alem de uns 300 passageiros nas tres classes, 4:000 toneladas de carga.

Como este tem a Empresa o *Lusitania*, do mesmo tipo, alem de mais 18 vapores, cuja tonelagem se eleva a 36:000, com que faz as carreiras bimensaes para a Africa Occidental, etc.

Se compararmos estas sumptuosas construções fluctuantes, onde se viaja comoda e rapidamente, com os modestos e quasi rudimentares barcos que ha trinta annos singravam raramente até ás nossas colonias, será o bastante para reconhecer quanto se tem progredido e se deve proceguir.

A viagem de Sua Alteza o Principe Real, será mais um estimolo para esse progresso, e só é pena que o Augusto viajante leve tão pouco tempo para se demorar e vêr detidamente aquelles vastos dominios portuguêses, que muito convinha Sua Alteza podesse estudar e inquerir sobre o que ha mister para desenvolver sua natural riqueza.

IV

Quando este numero do Occidente, dissémos, estiver a publico, já Sua Alteza o Principe D. Luis Filipe estará em S. Thomé onde deve chegar a 12 do corrente.

Ha 55 annos gastámos nós 35 dias para encher a mesma altura, em um navio de véla, que aos baldões nos levou ao Brasil em 52 dias!

As viagens da Mala Real Inglesa, que eram os

unicos paquetes que então havia para a America do Sul, gastavam cerca de 30 dias ao Rio de Janeiro.

O viajar por mar era coisa de respeito, muito longe das comodidades que hoje oferece qualquer vapor de carreira, e se isto era assim para os simples mortaes, como seria para principes ou pessoas de habitos fidalgos, não afeitas ás rudesas da vida?

Pois lá andou o infante D. Luis, depois rei, avô de Sua Altesa, como oficial de marinha, embarcado nas antigas corvetas fabricadas no nosso Arsenal, chegando até a commandar o brigue de guerra *Pedro Nunes* e a *Estefania* quando este navio transportou a Angola uma expedição militar para o Ambriz.

De boa instrução foram essas viagens para o infante que veio a ser rei de Portugal, como esta e outras poderão aproveitar agora a seu Augusto néto, herdeiro do mesmo trono, que elle tanto illustrou em seu reinado.

Sua Altesa pisando terras de Africa mais e melhor instrução ainda poderá adquirir que seu avô, que apenas esteve em um ou outro ponto do litoral no sul, quando nesse litoral mal se esboçavam as cidades que hoje ali se levantam.

A ilha de S. Thomé é a primeira joia da corôa portuguêsa que o Principe encontra em seu roteiro, joia descoberta pelos portuguêses no seculo xv, emergindo do seio do Atlantico como um grande ramo de verdura, formado pela exuberante vegetação que a reveste desde o mar até ao mais alto de suas montanhas, em perene e vigorosa floração. Dahi lhe provém sua riquesa agricola que é o mais a apreciar nesta ilha, cuja extensão é de 920 kilometros quadrados tendo 52 de comprimento e 34 na sua maior largura, com a população de uns 25:000 habitantes dos quaes 2:000 brancos. A cidade, é pequena e com poucas edificações dignas de notar. A ilha devide-se em sete villas ou outras tantas freguesias, onde, tambem, suas edificações nada oferecem de notavel. As roças são o que de mais importante ha a vêr, pela riquesa de suas culturas e vastidão das edificações para o trafego e habitação do pessoal e proprietarios, destacando-se entre outras, as grandes propriedades de Agua Izé e as do sr. conde de Valflor, onde Sua Alteza pernoitará uma noite, na visita que faz a toda a ilha.

A maior producção agricola da ilha é o cacau, o café e a quina, cultivando-se tambem ali a borracha, o côco, a cola, o tabaco e a baunilha; a bananeira e o ananaz nascem expontaneos. O seu movimento comercial atingio nos ultimos annos cerca de quatro mil contos.

A ilha de S. Thomé vae entrando num periodo de desenvolvimento e melhoramentos publicos de ha muito reclamados, e para o incremento dos quaes é de esperar que a visita de Sua Alteza certamente influirá.

Que assim suceda e todos terão que se aplaudir pelos resultados praticos da principesca viagem.

V

Acompanhando em espirito esta viagem, eisnos em Loanda onde Sua Alteza deve chegar em breves dias.

Ali o aspéto é outro, não menos agradavel que o da ilha que deixamos, mas diferente pela extenção da costa, na vertente da qual se edifica a cidade de S. Paulo de Loanda, abrigando lhe o porto uma ilha de 4 kilometros de comprimento.

Tres fortalezas defendem a sua entrada: a do Penedo e a de S. Pedro, e a de S. Miguel construida no môrro do norte que destaca na costa por aquelle lado.

O *Africa* tem enchido a altura de 8° 48′ e 45″ de latitude Sul e 13°, 7′ e 27″ de longitude Este de Gw. onde se encontra a capital da provincia de Angola.

A primeira fortaleza que avista precedendo a entrada do porto é a de S. Miguel, ultimo reducto donde Salvador Corrêa, o restaurador de Angola, expulsou os holandêses, em 1648, em poder dos quaes estava aquella provincia.

Os holandêses, aparentando as melhores relações com Portugal, conservavam contudo em seu poder Angola, de que se haviam apossado durante as contendas com a Espanha, no periodo do dominio espanhol em nosso país, e que continuavam a reter depois da restauração da independencia portuguêsa.

Entretanto D. João IV queria conservar paz com os holandêses, mas vendo a necessidade de manter a soberania de Portugal nas suas colonias, encarregou o grande almirante Salvador Corrêa de Sá Benevides de aparelhar uma armada e com ella ir áquella provincia estabelecer feitorias.

Para esse fim partiu Salvador Corrêa para o Rio de Janeiro, onde devia aprontar a frota e colher algum subsidio pecuniario para a empresa, como de facto obteve uns oitenta mil crusados, e conseguiu armar quinze navios, sendo quatro á sua custa, e assoldadar novecentos homens de desembarque, com o que se pôs de vela para a costa de Africa a 12 de maio de 1648.

Chegando a Quicombe, primeiro ponto onde devia estabelecer uma feitoria, soube Salvador Corrêa do governo opressor que os holandêses estavam exercendo na provincia, e isto o moveu a reunir o conselho dos seus capitães para resolver sobre a atitude que convinha seguir, concordando todos em expulsar os opressores.

Assim resolvido, largou a frota de Quicombe e se dirigiu a Loanda, onde á chegada, Salvador Corrêa enviou parlamentares aos holandêses intimando-os a sahirem de Loanda. Elles, porém, pediram lhes fosse concedidos oito dias para responder, mas Salvador Corrêa apenas lhes concedeu 48 horas, findas as quaes desembarcou as forças de infantaria, que levava e acampou em terra, onde de noite levantou baterias.

Entretanto os holandêses haviam-se concentrado na fortaleza de S. Miguel, onde Salvador Corrêa, á frente das suas forças, os atacou encontrando forte resistencia, morrendo e ficando feridos no assalto muitos dos nossos. O valoroso almirante simulou então uma retirada, mas os holandêses receando novo ataque a que não podessem resistir, pela ruina em que o primeiro posera o seu reducto, capitularam sob condições que Salvador Corrêa aceitou por boas, o que foi assignado naquelle dia, 15 de agosto de 1648.

Assim foi restaurado o dominio português na provincia de Angola donde os holandêses retiraram de vez.

Ao seu restaurador levantou a cidade de Loanda um monumento na Praça do Palacio, o qual vae reproduzido em uma das gravuras deste numero.

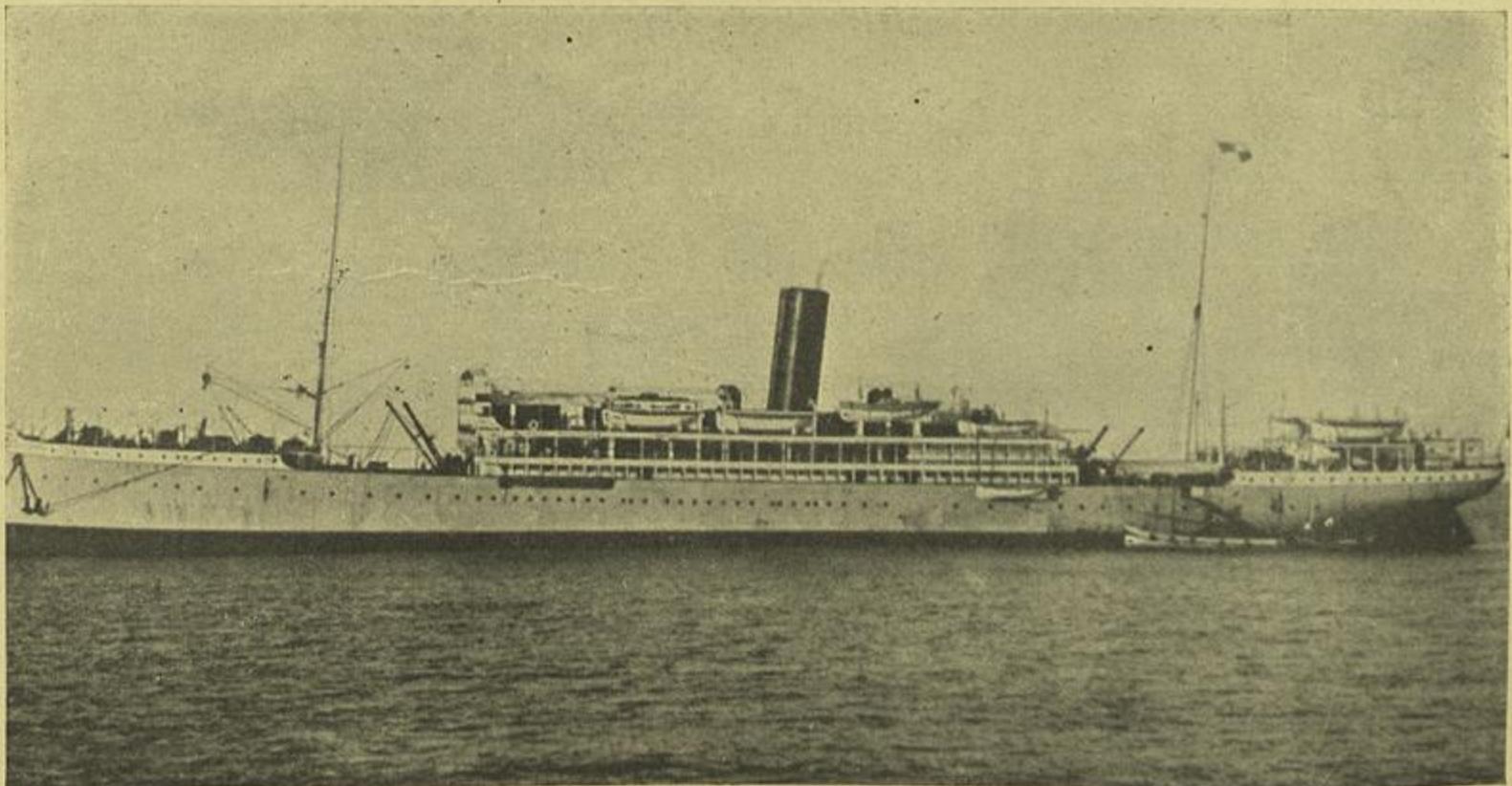
VI

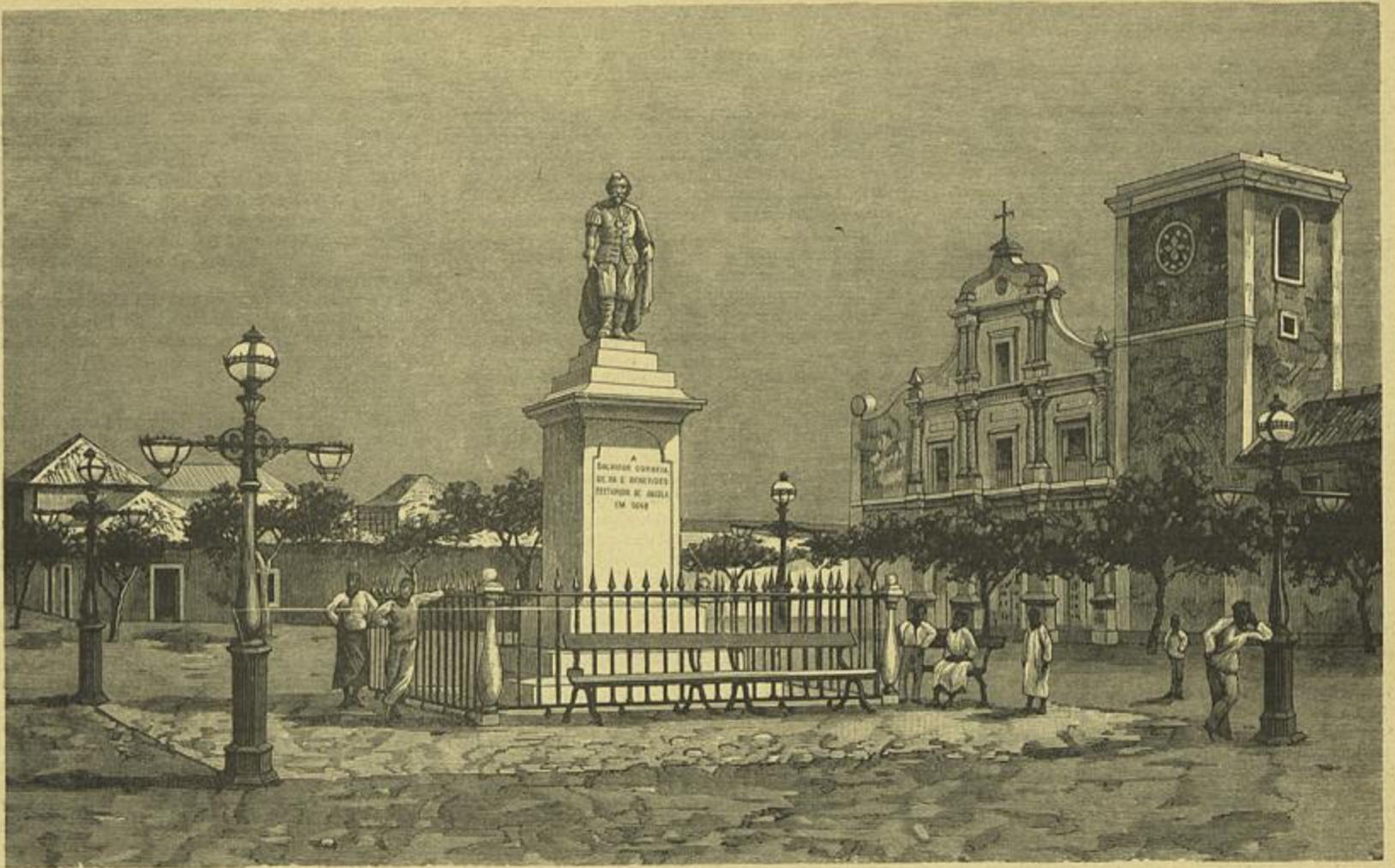
A cidade de Loanda é hoje bem outra do que seria naquella época, e até diferente do que era nos meados do seculo passado, sem comtudo se poder comparar á grandeza e conforto das cidades coloniaes inglêsas, cujos governos daquella poderosa nação, dispondo de grandes recursos monetarios secundados pela indole átiva e empreendedora do povo, tem levado a prosperidade ás suas vastas possessões.

Ha cincoenta annos Loanda conservava-se quasi no mesmo estado dos primeiros seculos depois do descobrimento de Africa pelos portuguêses, o que vem justificar o que Leão Cahun, bibliotecario da Biblioteca Mazarino, diz na introdução com que precede a *Relação do Congo* de Duarte Lopes, de 1578. «Quando pegamos em uma carta de Africa feita em 1850, anterior ás viagens de Barth, Levingstone e Speke, e a comparamos a uma carta feita nos fins do seculo xvi, depois das grandes explorações de Diogo Cão, Francisco de Gouvêa e Duarte Lopes, observamos que o interior da Africa era muito menos conhecido ha trinta annos do que o fôra ha tresentos.»

Isto confirma o que dissémos no primeiro capitulo deste artigo, quanto ao estacionamento em que as nossas possessões de Africa jazeram por tantos annos.

Se para este estado influio os poucos recursos do tesouro da metropole, não concorreu menos o desleixo e a má escolha de governadores e outros funcionarios publicos que os governos para lá mandavam, no que não é preciso insistir, por ser geralmente sabido.

Todo o progresso, pois, que se poderá notar em Loanda, tratando como estamos da provincia de Angola, é, se póde dizer, de nossos dias, desde que para ali se mandaram expedições de obras publicas, desde que se concederam terrenos para agricultar, se abriram vias ao comercio com o estabelecimento de carreiras regulares de vapores, que

O Vapor «Africa» onde S. A. o Principe D. Luis Filipe, seguiu viagem
(De fotografia)

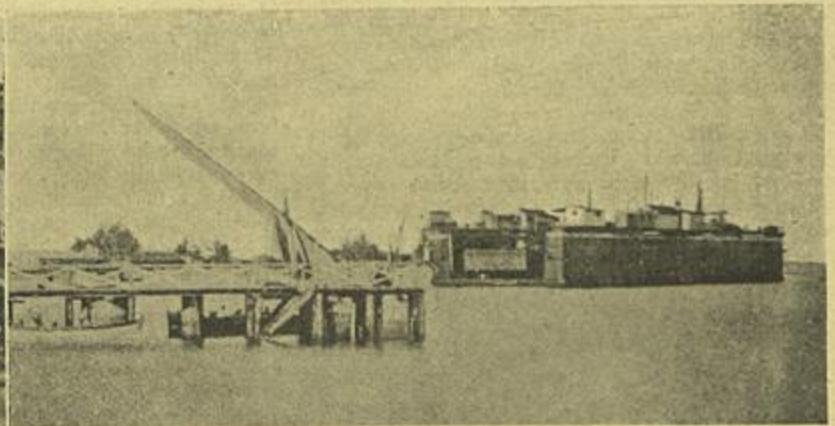
Viagem de S. A. o Principe D. Luis Filipe, ás Colonias

LOANDA — Monumento a Salvador Corrêa, na Praça do Palacio

Uma vista da Cidade de S. Paulo de Loanda
(De fotografias)

Viagem de S. A. o Principe D. Luis Filipe, ás Colonias

Rua Salvador Corrêa

Soldado de Infantaria Indigena

Rua da Alfandega

Ponte da ilha e doca fluctuante

Fortaleza de S. Miguel — Estação do Caminho de ferro — Viaduto do Valle do Zondo, no caminho de ferro de Loanda a Ambaca

EM LOANDA

(De fotografias)

se tem ido ameudando, se inauguraram caminhos de ferro, e para lá se dirivou uma corrente de emigração mais apta ao trabalho e a empregar sua actividade, desde que, emfim, se tem atendido á melhor escolha de governadores e outros funcionarios.

Com estes elementos se tem desenvolvido a capital da provincia, cuja se divide em cidade alta e baixa, assente aquella num planalto, e esta numa planecie que vem ao mar. Circundam na os bairros indigenas Sanga-sidombe e N'gombata, assim como vivendas campestres denominadas *musseques*. As suas ruas e praças teem-se povoado de edificações modernas, além dos edificios das repartições publicas, palacios do governo e do bispo, quartel da tropa, observatorio meteorologico e hospital D. Maria Pia, tudo na cidade alta, sendo na cidade baixa, que se agita a vida commercial, e onde está a alfandega, o correio, o quartel da policia, a estação do caminho de ferro, etc. Caes ponte de embarque de mercadorias dão sahida a seu comercio de exportação em que avulta o café, a borracha, o óleo de palma, a urzella, o coconote, etc., que se eleva a alguns milhares de contos annuaes. A sua população hoje sóbe a umas 20:000 almas, compreendendo os suburbios, das quaes se contam uns 3:000 europeus.

Se o aspéto de Loanda é, á primeira vista, agradavel, muito ha, porem, a fazer para o saneamento da cidade, que deixa bastante a desejar na limpeza de suas ruas e na acumulação de esgotos que da cidade alta despejam na baixa. De muitas outras obras ha mister para embelesamento e comodidade, não sendo o menor a atender o de a libertar de presidio de degradados, que muito prejudica a população laboriosa e honrada.

E' esta a cidade que Sua Alteza o Principe Real vae encontrar na sua viagem, e se poder observar detidamente, no curto espaço de tempo da sua visita, de quantos melhoramentos carece a capital da grande provincia, proficua será essa visita, pelas providencias que ha a esperar.

Caetano Alberto

O CASTELLO DE BONCOURT

(Chamisso)

Creança me revejo, em verdes annos,
E esta cabeça branca então sacudo;
Lembranças de um passado, já distante,
Quão vivas me acudis, quão vivo tudo!

Ao alto, a velha alcaçova flammante,
Em uma umbrosa collina encastoada;
Das torres me recordo, das ameias,
Do portal, e da ponte calcetada...

Leões vejo encarar-me em ar confido,
De um quarto e d'outro quarto do brasão;
Amigos, vos saúdo, amigos velhos,
E p'lo pateo do castello enfio então.

Além, juncto do poço, a antigua esphinge,
Além, a bella figueira, viridente;
Além, atraz d'aquellas jelozias,
Meu sonho, o meu primeiro, tive ardente.

Na capella do burgo, penetrando,
Do velho avoengo o tumulo procuro;
Além, além o vejo, além as armas,
Velha panoplia pespegada ao muro.

Indistinctas me descobre a vista,
Da inscripção as lettras, que não leio,
Comquanto viva luz lá n'ella incida,
Pelos vitraes coada, e bem em cheio.

Tal eu te enxergo, aqui, na mente fida,
Imagem querida de um solar augusto;
Da terra te sumiram, e te arrasaram,
P'ra a charrua ir lavrar teu chão vetusto.

Pois, sê fecundo, meu chão, sê bem fecundo
Eu em amor te abenção, e commovido;
E tambem a ti te abençôo, ó semeador,
Quando a semente lançares ao solo querido.

Que eu cá por mim me consólo...
Com este alaúde em punho,
E de terra em terra, cantando,
Irei pelo mundo fóra,
Peregrinando...

Alexandre Fontes.

O TABACO

I

«O Tabaco, lê-se na *Encyclopia ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*, tomo 32, edição de Berne e Leansana, em 1780, erva originaria dos paizes quentes, amoniacal, ácre, caustica, narcotica, venenosa, a qual, entretanto, preparada pela arte, no curso dum sesulo tornou-se pela extravagancia da moda e do habito a planta mais cultivada e procurada, e o objecto da delicia de quasi toda a gente que faz uso déla, quer em pó pelo nariz, quer fumando em cachimbo, quer mascando, quer doutra maneira.»

Contém o tabaco um dos alcaloides mais energicos, — a nicotina.»

«Os *alcaloides*, definiu o notavel professor Lanessan no livro *Lá Botanique*, são substancias soluveis com frequencia dotadas de propriedades apreciadas como utilidade medicinal.»

Julgo interessantes as seguintes linhas do ilustre finado italiano Cesar Cantú, na *Historia Universal*: «No numero das extravagancias observadas por Colombo em Cuba, pareceu-lhe uma das mais singulares a de pegar em certas folhas grandes, enrolal-as como velinhas, depois accendel-as por uma ponta para aspirar o fumo pela outra: os naturaes chamavão a este rôlo *tabaco*. Os viajantes narrão frequentemente que, mesmo combatendo, acendião esses *cachimbos* e tiravão d'elles fumo; o qual substituia os do incenso em seus sacrificios; os adivinhos servião se d'elle para se embriagarem, quando querião predizer o futuro ou curar as molestias. Entre os selvagens era um symbolo de paz e de hospitalidade offerecer o cachimbo áquelle que chegava.

Por mais repugnante que ao principio parecesse aos Europeus este uso dos barbaros, elles quizerão experimental-o, e gostaram d'elle tambem, por isso o tabaco deveu á vantagem de produzir uma sensação que póde repetir-se infinitamente sem trazer comsigo a saciedade, o acolhimento favoravel que elle não tardou a obter. Os marinheiros forão os que primeiramente procuraram n'elle distracção, e o espalharam pelas costas, não só fumando-o, mas mascando e aspirando em pó pelo nariz, Sir Walter Raleigh acostumara-se a fumal-o, mas em segredo, e fechado no seu gabinete. O seu criado, tendo entrado ali um dia inesperadamente, recuou espantado, e foi contar que tinha visto seu amo a deitar os miolos evaporados em fumo pelas ventas. João Nicot, embaixador de França em Portugal, mandou algumas folhas de tabaco, em 1560, a Catharina de Medicis; o que o fez denominar pó da rainha ou Nicotiano. Foi introduzido na Italia pelo cardeal Santa-Croce, nuncio pontificio em Lisboa, e por Nicolau Tornabuoni, legado em França. Todavia o verdeiro tabaco preparado, rapé e em pó, não foi usado em França antes de Luiz XIII, e vendia-se por doze soldos cada arratel. O luxo das caixas de tabaco seguio-se em breve. Em 1674, o fisco chamou a si o monopolio d'esta substancia, e em 1697, Duplantier comprou o direito exclusivo de a vender em todo o reino, mediante cento e cincoento mil libras por anno.

Os medicos, os moralistas e os physicos, discutiram sobre as vantagens e inconvenientes do tabaco; escreveu se muito pró e contra: uns achavão que era um calmante insigne, outros um estimulante agradavel e brando; aquelles davão-o como remedio universal. Houve um tempo em que seus adversarios prevaleceram, e elle foi proscripto por todos os governos. Um decreto de 1600 prohibio-o em França A côrte de Roma fez outro tanto, não por frivolidades, mas porque elle occasionava nas egrejas grande incommodo, em razão de cada um levar comsigo (porque ainda não se vendia pulverisado) um raladorzinho com que esfregava a folha á medida da necessidade. Parecia tambem inconveniente que os sacerdotes, quando estavão no côro, sujassem o rosto com este pó, e com as suas consequencias as sobrepelizes e breviarios; o que fez prohibir o seu uso n'algumas egrejas particulares, e depois em todas Outro tanto fizerão o czar da Russia, o Schah da Persia e o Gran Senhor. Porém como acontece com certas ideias, a prohibição não impedio este habito de se propagar a tal ponto, que o tabaco veio ser um dos rendimentos mais productivos dos differentes Estados. A Allemanha foi das primeiras nações que abuzaram, em razão dos modos militares que ella tomou no seculo passado, a exemplo dos Prussianos. A França seguio seus passos quando esqueceu, pelos habitos soldadescos, as maneiras gentis que d'antes a distinguião. Outros paizes, cujos habitantes não são nem muito laboriosos nem muito guerreiros, adoptaram o uso por estulta imitação, e pela miseravel necessidade de se aturdirem, de se distrahirem, de afugentarem o enfado, esse castigo da inercia do espirito. E' d'esse modo que o escravo se embriaga em suas cadeias, com grande prazer de seu senhor que o espanca mais seguramente.»

Posto isto, afigura-se-me acomodada nesta altura uma referencia ao alcaloide do tabaco; e, para este fim vou recorrer á dissertação inaugural — *O Tabaco*, com que José Augusto Ferreira Marques, fechou com justo aplauso, em novembro de 1903, o seu curso de medicina perante a Escola, de Lisboa.

II

Na alludida dissertação encontra-se, debaixo do titulo generico — *Efeitos da nicotina sobre o organismo*, o capitulo cujo texto em seguida reproduzo:

«Em toxicologia considera-se a nicotina como um dos venenos mais energicos logo a seguir ao acido cyanhidrico. A sua ação nociva exerce-se sobre todos os animais Metida debaixo da pelle, instillada na conjunctiva, deitada numa ferida, mata sempre no meio de convulsões violentissimas.

O dr. Gouveia, do Rio de Janeiro, num seu trabalho publicado em 1859, narra uma experiencia feita num cão vigoroso que, tendo-se-lhe deitado duas gotas de nicotina na lingua, morreu num minuto.

Claude Bernard collocou a membrana interdigital duma ran no campo do microscopio. Viu, como é natural, o sangue chegar pelas arterias e voltar pelas veias; mas, envenenando a ran com nicotina, notou que immediatamente os capillares se estreitavão, esvasiando se completamente, emquanto o coração continuava a bater. Tem então analogia com a digitalina, aumentando a tensão arterial. A secreção salivar tambem é aumentada.

Assim, em animais que tem sido submetidos a experiencias nota-se vomitos, expuma na boca, evacuáções e micções.

Tambem tem ação sobre os musculos e nervos, mas, como já vimos, atúa principalmente sobre o sistêma vascular. E' a principio excitante, depois deprimente, tanto do aparelho nervoso como do circulatorio.

Claude Bernard dis que — é pela sua ação sobre o sistêma arterial e capillar que se póde explicar a especie de tremor que se vê nos musculos, parecido com o fremito muscular que se produs algumas vezes quando o sangue não póde chegar ao musculo por cansa duma laquiação.

Quando a nicotina é muito ativa e se dá uma quantidade suficiente para produzir um excesso d'ação, observão-se outros fenomenos: cada musculo torna se a séde duma convulsão tal, que póde permanecer num estado tetanico permanente.

Quando é fraca a dose fenomenos singulares se apresentão, tanto da parte dos pulmões como do coração.

A respiração acelera-se, torna-se ao mesmo tempo mais larga, e as pulsações cardiacas aumentão d'energia. Esta ação é levada ao pulmão e ao coração pelos nervos, porque se cortarmos o pneumogastrico, não se manifesta.

Administrão-se tres gotas de nicotina numa ferida subcutanea, feita na parte interna da côxa dum cão adulto. Antes de se lhe dar o veneno o animal tinha 115 pulsações e 28 respirações por minuto. Um ou dois minutos depois da introdução do veneno, o animal gemia e tinha as orelhas muito desviadas para traz; estava estafado, as respirações dificeis erão abdominais e diafragmaticas. O numero de pulsações era custoso de contar, tal a quantidade, e as respirações erão 42 por minuto.

Ao fim de 8 minutos o animal era atacado de vomitos e expulsava mucosidades brancas. Quando andava parecia cego e tinha o globo ocular revirado.

As experiencias que temos feito levão-nos a concluir, que depois do córte dos nervos vagos a nicotina não exerce a sua ação sobre o coração, nem sobre o pulmão, o que parece mostrar que é por intermedio dos nervos pneumogastricos, que esta substancia atúa sobre os orgãos da circulação e da respiração.

Por experiencias feitas tem-se visto, que quando se emprega a nicotina em doses tais que não possão produzir a morte, o organismo é cada vez menos sensivel á sua ação, sendo preciso aumentar a dóse para se tirar os mesmos resultados.

Assim, ativa a respiração e torna o coração mais energico e as contrações frequentes.

Quando na experiencia se emprega dóse ener-

gica, mas que ainda assim não produza a morte, a nicotina excita o coração por pouco tempo, sobrevindo logo uma paralisia deste orgão e dos centros d'origem dos nervos vaso-motores.

Sobre a ação que a nicotina exerce sobre a pupilla tem havido differentes opiniões.

Assim, emquanto uns vião a dilatação, outros vião o estreitamento, porêm numerosas experiencias feitas por Hirschemann levárão-no á conclusão de que a pupilla sempre se estreitava, ao contrario do que acontece com a digitalina, explicando o caso por uma paralisia do musculo dilatador, provocada por paralisia da extremidade periferica dos nervos que a elle vão ter.

Bordier, num trabalho intitulado *Os nervos vaso motores ganglionares*, dis que Roudanowsky tinha visto nos animais mortos pela nicotina, uma pigmentação particular e mesmo uma destruição completa da cellula nervosa e seus prolongamentos.

A nicotina pura, na dóse de 2 ou 3 gôtas, póde matar um homem, sendo a mucosa conjuntival a de melhor absorção.»

Ora, existindo a nicotina no tabaco, pódem os effeitos deste divergir dos daquella?

O dr. Depierris demonstrou na *Fisiologia social*, a influencia da famosa erva sobre a criminalidade, o suicidio, a morte subita e a loucura.

Tenho presente um excérto dessa obra, vertido para a nossa lingua em 1904 por Alberto Telles, publicado á custa do falecido benemerito Julio de Andrade, para distribuição gratuita pela mocidade.

Intitula se o excérto — *Effeitos do tabaco sobre a alma, ou sobre as manifestações transcendentes da vida*; e, depois de aduzidos numerosos factos comprovativos, o sabio autor conclue por estas palavras perentorias:

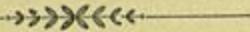
«Seja, porém, qual fôr o attractivo da moda e o desvairamento da paixão, a verdade da sciencia triumphará sempre dos erros lendarios.

E cessará essa grande calamidade do tabaco, quando todos os seus partidarios e consumidores, *que ignoram o que elle é*, puderem saber que elle occulta, debaixo das suas seducções, o mais mortifero de todos os venenos conhecidos... a *Nicotina*... que faz degenerar os homens, desmoraliza as sociedades, abate as nações... como succedeu com a Hespanha, a primeira que acreditou nesse embuste grosseiro da Panaceia das Indias... que não foi mais que um legado de maldição e de vingança dos pelles-vermelhas aos que foram os invasores do seu paiz e os primeiros exterminadores da sua raça.»

E' deveras fulminante contra o tabaco o depoimento autorisado pela ciencia em trabalhos como aquêles de que fiz as transcrições precedentes; por mim, que abomino o fumo, dou testemunho de que um dia, ha já bastantes anos, êle provocou-me uma perturbação muito similhante á da embriaguez, seguida de nauseas e de vomitos aflitivos.

E o que havemos de pensar da economia humana, quando estatisticas aproximadas revelam um consumo anual talvez superior a mil milhões de kilos de tabaco, representativos duma quantia que orça por dois biliões de contos de réis, ou a excede?!

Contudo, o homem porfia no veneno e na queima de tanto dinheiro, ardendo esteril e sem benemerencia de especie alguma!

D. Francisco de Noronha

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO IX

Sumario

Prejuizos causados pelo terremoto no colegio de Monte Olivête — Documentos contraditorios — A expulsão dos jesuitas — Citam-se os decretos do primeiro ministro — Serviços prestados pela Companhia, nos dominios ultramarinos — Parcialidade da critica com referencia aos jesuitas — O marquês de Pombal e os seus historiadores — Falsa noção que ainda hoje há desta individualidade — E' abandonado o edificio da Cotovia — Dois casos curiosos passados á porta do noviciado — O perdão dos judeus — Arruaças e motins — Os doze apóstolos e os quadrilheiros da ronda — Alvitra-se a origem de um bêco alfacinha — O zêlo do Arcebispo de Evora — Uma assuada ao jesuita Manuel Fernandes, confessor do Infante — Acalma-se o motim — Quem seriam os apóstolos? — Duas aventuras de D. Afonço VI — Uma quéda e uma cutilada — A bravura de um rei e o respeito pelo sangue real — Afonço o Victorioso!

Todos os autores que tratáram, directa ou indirectamente, do terremoto de 1755, são unanimes em dizer que a parte da cidade comprehendida entre casa dos Condes de Soure e o Rato, soffreu pouquissimo estrago. Dentro desses limites ficava o Colegio do Monte-Olivête, e entretanto num documento de incontestavel valía e muito proximo do cataclismo, diz-se positivamente o contrário.

Esse documento é a doação feita ao Colegio dos Nobres em 13 de outubro de 1765. Na enumeração das diferentes dotações fala-se *nas cêrcas adjacentes ao sobredito noviciado demolido*, e mais adiante: *e a egreja que o terremóto do 1.º de novembro havia arruinado e demolido*, o que parece indicar que o dano não foi pequeno. (1)

Procurei noticias mais miunciosas e não achei. Quanto pude apurar ahi o dou ao leitor.

*

Pouco mais de três annos depois do terremoto, no dia 3 de setembro de 1759, foi abolida a Companhia de Jesus, todos os padres regulares expulsos do reino e confiscados os seus bens.

Algumas dificuldades que a companhia puzéra á politica energica do Marquês de Pombal foram o motivo desse golpe de morte. O pretexto foi a tentativa de embaráço ao tratádo do comercio, navegação e limites das conquistas entre Portugal e a Holanda, que se tinha realisado em 16 de janeiro de 1750. D'ahi começára a luta.

A este primeiro combate, porem, soubera resistir a companhia, ainda que temporáriamente.

O atentado contra a vida de D. José veio reforçar o pretexto, apezar do vivido protesto de inocencia que, diga se de passagem, era justificadissimo. Desoito dias depois de descoberta a conspiração, foram excluidos do paço os jesuitas confessores. Esta medida de Pombal foi sabiamente tomada. Atacáva-os assim no ponto mais vulneravel e de onde podiam vir maiores dificuldades aos seus designios politicos. Daqui por diante os golpes tornaram se sucessivos e cada vez mais terriveis.

Em maio de 1758, num breve de Benedito XIV prohibiu os de comerciar; em janeiro de 1758 saiu o alvará que lhes sequestrava os bens e a 5 de fevereiro do mesmo anno, outro diploma identico tornava os reclusos e punha-lhes guardas á porta.

Foi este alvará, o documento que precedeu o decreto da expulsão e abolição da companhia.

*

Cento e quarenta e três annos de existencia, teve o noviçado da Cotovia Durante elles, mistér é dizer-se, prestou valiósos e indiscutiveis serviços.

Ali se crearam grandes ingenhos em letras, padres sabedores e eruditos, cujas obras ainda se consultam e lêem com agrado, futuros missionarios que levaram o nome de Deus e o nome da patria aos confins do mundo onde o aventureiro Portugal conseguira implantar a sua suzerania. Na Asia, em Diu, Gôa, Ormuz e Malaca; na Africa em Tanger Ceuta, em Moçambique e em Çofála; na Oceania, em Timor e em Jáva e na America, em toda a riquissima extenção das terras de Santa Cruz, avultáva a bandeira das quinas, sobre os môrros e fortalezas.

Na conquista destes dominios, desde o seu estabelecimento em Portugal, tomou sempre a Companhia de Jesus, uma parte activissima. A' conquista pela espada, succedia-se, eficaz e redemptora a evangelisação pela cruz e ao lado de Afonço de Albuquerque, de D. Francisco de Almeida, de Duarte Pacheco e dos Correias de Sá, a historia póde inscrever nas suas paginas, sem desdoiro para aquelles, os nomes sempre lembrados de José de Anchieta, de Manuel da Nóbrega, de Ignacio de Azevêdo e de tantos outros.

Os relevantes serviços que os padres da companhia prestáram nas terras de alem-mar, já entre o fragôr das batalhas, já, n'uma missão mais pacifica, construindo habitações para os colónos, edificando escolas e igrejas para educação e catequése do gentio, prégando o bem, a obediencia, o amor da patria, o respeito á religião, não podem ser apagados da historia como tambem não podem sê lo todos os defeitos e todos os erros cometidos quando, mais tarde, intrometendo-se no comercio e na politica, tornáram tantas vezes dificil e perigosa a direção dos negocios do estado.

E' preciso ser imparcial; não dizer sempre mal, nem aplaudir sempre. Para condenar ou louvar os actos de uma personagem ou de uma instituição não basta analisar um só d'elles e calcular os outros por essse — doença critica de que enfermam muitos dos nossos historiadores. Do Marquês de Pombal, por exemplo, têm se dito ridiculas maravilhas e miseraveis calunias. Todos os livros que se ocupam dessa notavel individualidade, sistemáticamente o louvam até ao exagero, ou o depreciam ferozmente, e entretanto o marquês, visto á luz do seu tempo, analisádo dentro dos seus processos politicos e das suas intuições, tem tanto que dar ao diabo como de oferecer a Deus. Do feliz equilibrio das boas e más qualidades que o ornavam, é que resultou a sua preponderancia, a sua influencia, e a decisiva eficácia dos seus processos ditatoriaes.

Um estudo imparcial sobre o famoso ditador, ainda não vi e era isso que era preciso fazer se. A falsa noção que o povo português tem de Pombal, é manifesta. Quando aqui ha tempo, se fez uma contra-manifestação, protestando contra a festividade do lançamento da primeira pedra do monumento á Imaculada Conceição, nas Picôas, e o povo de Lisboa foi, com cartões de visita, protestar junto do monumento do marquês, elle se podesse resurgir do seu tumulo da capella das Mercês, formidavel, com a sua cabeleira de cachos e a sua casaca de pano nacional, não abria decerto os braços á população alfacinha. Pelo contrario. Na manhã seguinte acordavam todos no Tronco ou em S. Julião da Barra.

(Continua.)

G. de Matos Sequeira.

(1) Juizo da Inconfidencia. — Jesuitas e Tavoras — Maço 1.º — Documento 25 — Torre do Tombo.

OS ORFEONS POPULARES

Encontrando na excelente revista *A Arte Musical* um bem elaborado artigo sobre os orfeons populares, tão preconisados nos paises que mais se adeantam na civilisação, como meio educativo e revelador de vozes e vocações musicaes, pedimos licença a seu autor o nosso colega na imprensa sr. Michel'angelo Lambertini, proprietario e dirétor daquella interessante revista, para transcrever a parte relativa ao Orfeon de Serpa, ultimamente inaugurado naquella villa do Alemtejo, onde é tradicional a vocação dos seus habitantes para a musica e canto.

«A maneira gentilissima como fomos acolhidos em Serpa, onde quizemos ir julgar *de auditu* da brilhante iniciativa do dr. Pulido Garcia, obriganos a juntar ainda umas linhas ao nosso modesto artigo.

O Orpheon de Serpa, cuja estreia se effectuou, como tinhamos annunciado, no dia de S. João, está em caminho de constituir o mais importante nucleo popular do nosso paiz, sob o ponto de vista do estudo, tão parcamente cultivado até hoje, do nosso *folk lore*.

Minho aparte (1), podemos affimar que nenhuma região do paiz é tão excepcionalmente dotada para a musica e dispõe d'um tão seguro instincto para o canto.

N'estes dois dias de festa popular, vespera e dia de S. João, tivemos em Serpa um raro prazer espiritual e as mais extraordinarias surprezas, no tocante a musica popular.

A paixão d'esse bom povo pelo canto evidenceia-se a cada instante nos grupos, que, até deshoras, se cruzam pelas ruas e viellas, cantando a *duas vozes* as suas canções favoritas.

O que são estas canções? Nada do que temos ouvido. Imaginem uma melopeia lenta, quasi solemne, infinitamente suave e de rythmo por vezes vago. Qualquer cousa que nos traz a inesperada nota d'um canto de peregrinos ou de um côro calvinista. Qualquer cousa sobretudo, que em determinadas circumstancias, nos arrasta até ás lagrimas, n'uma commoção irreprimivel!

E cantam a duas vozes, notemos de novo.

A maior parte das vezes uma voz aguda, tenor ou soprano (2), expõe um motivo, adornado não raro de garganteios e grupettos de pura origem arabe. Dita essa primeira phrase a solo, acode o côro com a terceira inferior ou com a nota que mais convem ao registo vocal de cada um, mas sempre em harmonia correcta e justa! E que explendidos barytonos se ouvem n'esta replica! Que potentes e bellas vozes! E que justeza de afinação em muitos d'estes cantos!

Os grupos nem sempre são numerosos. Ali vão dois amigos, *bras dessus, bras dessous*, entoando a sua canção... em terceiras. Acolá encontram-se outros dois, estacam um em frente do outro, em postura de quem vae conversar; começam a can-

(1) O Minho é a unica das provincias portuguezas que ainda não visitamos, não podendo portanto apreciar o encanto das suas canções typicas E' porém sabido que o Minho é um dos mananciaes mais exhuberantes da inspiração popular.

(2) Os sopranos são os rapazitos, porque as mulheres não as ouvimos cantar nem uma vez só pela rua.

Os Orfeons Populares

O Orfeon de Serpa, inaugurado em 24 de junho de 1907

tar... em terceiras. Da nossa janella presenceamos até, em involuntaria indiscreção, um caso encantador. Avó e neta mourejavam nas lides caseiras, arrumando, espanando. Não tardou que a voz infantil se erguesse, n'um d'esses cantos descuidosos e ingenuos que só a infancia sabe dizer; pois não tardou tambem que o avelhantado contralto da avosinha a fosse acompanhar... em terceiras, continuando, cada uma por seu lado, no labor domestico.

É n'esta especial atmosphera, tão propensa á musica vocal que, mercê de Deus, nem um unico *accordéon* lá ouvimos, que o dr. Pulido Garcia imaginou organisar um numeroso Orpheon.

Ha apenas um mez que trabalha por este grande, por este bello ideal, e já o seu grupo, aparte a natural timidez de uma estreia, se apresentou com notavel distincção e justesa, n'um optimo equilibrio de todos os naipes e respondendo com relativa promptidão ás indicações do seu illustre mestre.

Já é muito, muitissimo, para tão pouco tempo de trabalho. O que falta vem com o tempo e com o estudo e por isso não nos cançaremos de exhortar os estudiosos orpheonistas portuguezes a que não cessem de consagrar uma parte do seu tempo e da sua actividade ao conseguimento d'este tão bello e levantado ideal.

Não largaremos porém a penna sem deixar aqui consignado um duplo e commovido agradecimento ao sympathico povo serpense, pela maneira captivante com que nos acolheu e a alguns dos principaes ornamentos intellectuaes d'essa villa, pela fidalga hospitalidade com que nos quizeram distinguir.

LAMBERTINI.